



entrevista com  
macedo e mariano

*Entrevista com Hernando Macedo de Carvalho e Elizeu José Dourado Filho, da dupla Macedo e Mariano. Macedo é músico e técnico de laboratório, nascido em Brasília-DF em 18 de dezembro de 1980. Mariano é músico e produtor musical, nascido em Brasília-DF em 25 de dezembro de 1980. Entrevista realizada no Orbis Estúdio, em Vicente Pires-DF, no dia 11 de dezembro de 2019. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Tati Costa, Sara de Melo e Daniel Choma.*

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

**Domingos: Você é natural de onde, Macedo?**

**Macedo:** Daqui mesmo, de Brasília. Nascido e criado aqui, passei uma temporada pequena em Minas, mas nascido e criado aqui mesmo, Distrito Federal.

**Domingos: Em qual cidade?**

**Macedo:** Até os vinte e cinco anos em Ceilândia. Nasci, morei lá e agora recentemente, uns dez anos estou morando aqui na Vicente Pires, inclusive. Mas a descendência é lá da Ceilândia.

**Domingos: E você Mariano?**

**Mariano:** Sim, também nascido e criado com muito orgulho aqui no DF e importante lembrar também que da periferia do DF. Porque já que a gente está falando aqui e isso vai ser divulgado amplamente. Ainda tem um mito de quando a gente fala que é de Brasília o pessoal se autoafirmar que a gente é ali do Congresso, dos ministérios e na verdade Brasília vai muito além disso. Uma prova disso somos nós que estamos aqui. A gente é da periferia de Brasília. Eu, a exemplo do Macedo também, já tem algum tempo que a gente mora em outra cidade satélite que também não é Brasília. Brasília é só o aviãozinho lá e o Congresso. Mas com muito orgulho a gente é da periferia de Brasília aqui. E é isso aí!

**Domingos: E logo na infância vocês já tinham algum envolvimento com música? Tem alguma lembrança?**

**Macedo:** Rapaz, eu costumo dizer que a gente já nasce, você não escolhe ser músico, a música te escolhe! Eu me lembro que desde pequeno quando eu escutava uma música caipira eu já arrepiava. Desde criança, que a lembrança permite a gente lembrar ali, de cinco, seis anos pra cá eu me lembro que eu escutava uma música caipira eu já me arrepiava, já gostava. E meu avô inclusive Domingos Macedo, foi um grande violeiro, mas eu não tive o prazer de conhecê-lo. Na minha família tem duplas da minha mãe, meus tios, que são cantores também, tocadores. Mas eu não tive muita, vamos dizer, influência deles pela distância. Eles moravam lá em Minas, sempre morou em Minas e eu aqui em Brasília. Mas a gente tinha aquele contato familiar, uma vez por ano e olhe lá! Mas não deixa de ser uma influência.

**Domingos: E você, Mariano?**

**Mariano:** É. Isso aí é bem verdade mesmo, essa questão de que a gente já nasce com esse tino. Porque a gente é nascido e criado, meus pais goianos. Papai sempre foi caminhoneiro e ele trazia, antigamente tinha aquelas fita K7. Ele tinha aquelas malas grandes de fita K7, tudo de música caipira, sertaneja, um ou outro tinha um Roberto Carlos, Sula Miranda, mas a maioria era Tião Carreiro e Pardinho, Léo Canhoto e Robertinho, e assim vai. Zico e Zeca. E me lembro muito bem que quando ele estava em casa, que era um pouco raro pelo fato do ofício dele. Eu sentava no sofá, eu no sofá de cá, ele de lá e o rádio ali. E a gente escutava

mesmo a música, o disco, escutava o disco, os dois ficavam lá sem falar nada, só escutando. Isso repetiu algumas vezes. Aí terminava um lado, eu ia lá levantava, virava o disco, a gente escutava do outro lado. E isso marca nossa infância. E tem um episódio também que eu gosto de falar, no tempo da minha infância tinha aquela novela “Carrossel” na televisão. Eu sou do meio lá em casa, é eu, um mais novo e outra mais velha. No mesmo tempo dessa novela também estava passando a novela “Pantanal”. No mesmo horário inclusive. E era uma briga porque eu queria assistir o “Pantanal” [Risos] E o meu irmão e minha irmã queriam assistir o “Carrossel”. Então tinha uma treta familiar, mas que sempre se resolvia. Uma televisão só a gente sempre conseguia se resolver!

**Domingos: E você acha que a novela “Pantanal” teve uma importância na difusão da viola, nesses tempos?**

**Mariano:** Naquele tempo eu acho que sim. Especialmente pelo personagem ali do Almir Sater. Eu nunca tive o prazer de ter com ele assim diretamente, já assisti alguns shows dele. Eu acho que no show que assisti ele estava um pouco ainda querendo sair do estereótipo do personagem dele, não sei, mas o público, de modo geral, correlaciona o artista ao personagem. Então se ele vai num show ali do artista, da pessoa física que está ali, que não é o personagem, aí ele toca. Não me lembro muito bem o nome dos personagens ali, tinha ele e o Sérgio Reis, acho que é porque uma exibição de âmbito nacional... Então de certa forma acho que ajudou na difusão um pouquinho da viola ali naquela situação.

**Macedo:** É bom mencionar que eles foram os protagonistas que sempre apareciam ali cantando, tocando...

**Mariano:** Sim...

**Macedo:** Mas de vez em quando teve algumas aparições do nosso saudoso Goiano, Goiano e Paranaense. Cantando inclusive uma música que retratava uma das personagens principais da novela que era a Dolores Estrada. E eles fizeram uma música especialmente para essa novela. Muito pouco, mas não passava era do “Pantanal”, passava...

**Mariano:** Acho que essa aí era “Ana Raio e Zé Trovão”. Essa Dolores Estrada...

**Macedo:** Ah, então eu confundi!

**Mariano:** Foi depois...

**Macedo:** É, está certo...

**Mariano:** É porque do “Pantanal” eu sei quase tudo! [Risos]

**Domingos: Mas existe um apelo que a mídia reconhece que chega nas pessoas essa temática da viola.**

**Mariano:** É. Especialmente porque hoje a gente entende que a viola conquistou vários outros espaços além da cultura popular. Além da música caipira propriamente dita. Hoje, por exemplo, aqui em Brasília a gente tem o curso de viola caipira, se eu não estiver enganado acho que já tem vinte anos de duração, que foi fundado pelo Roberto Corrêa. Então é a academia da viola caipira, a gente entende que aí a partir disso teve outro curso, já a nível de curso superior lá em São Paulo, que eu não sei se ainda continua, mas já teve, não sei bem qual faculdade, é licenciatura ou graduação, não sei, no campo da viola caipira. E isso tudo ajuda a gente a perceber que a viola já alcançou vários outros ambientes além da música caipira. E isso a gente considera relevante e importante... E é unânime. Teve um seminário em 2016 aqui em Brasília, Seminário Nacional da Música de Viola Caipira no Brasil Contemporâneo. Aonde veio vários violeiros do âmbito nacional. Fernando Deghi, aquele menino lá do regional, esqueci o nome dele? Veio vários...

**Macedo:** É o Arnaldo Freitas.

**Mariano:** Arnaldo Freitas. Então veio alguns bons violeiros. Foi um momento que a gente viu como que ela [a viola] se espalhou. E uma opinião unanime que mesmo aqueles que não têm em seu repertório a música caipira, mas reconhecem o valor simbólico que ela representou naquela situação. Então acho que é isso, por aí.

**Domingos: Macedo, como você encontrou a viola caipira?**

**Macedo:** Com doze anos de idade minha mãe me deu um violão de presente, o qual tenho até hoje. Mas eu já escutava aqueles programas de rádio antigo, de TV, nossa saudosa Inezita Barroso. Eu via que faltava um pouquinho do som. Aí depois, se não me engano, em 2000. Não, antes disso teve um episódio, em [19]97. A primeira vez que eu vi uma pessoa tocar uma viola ao vivo foi o Zé Mulato. Eu fui num show do Zé Mulato e Cassiano. Aí eu falei: "nossa, aquele instrumento ali é bacana!" Foi aqui em Brasília, aqui na praça do Bicalho, se não me engano ou praça do DI, aqui em Taguatinga centro mesmo. Aí por meados de 2000, foi 2002, eu comprei uma viola. E daí estou até hoje embarçando os dedos nas cordas aqui. Pelejando pra aprender alguma coisinha!

**Domingos: Mas no começo você teve professor?**

**Macedo:** Não, não. Eu acho que é um pouco de egoísmo nosso a gente falar: "ah, eu aprendi sozinho." Porque é muito egoísmo isso aí. Eu não tive aquele professor pra entrar na aula e me ensinar o bê-á-bá, pegar na mão e ensinar, você faz aqui, essa aqui é a nota, tal. Não tive isso. Mas o mundo é uma escola. Eu sempre fui muito fominha por viola e eu sempre procurei estar junto desses violeiros mais antigos, mais contemporâneos que aqui em Brasília nós temos muitos, alguns já até falecidos. Pessoas boas de viola, boas de cantoria, mas que infelizmente ficaram e estão no anonimato até hoje. E eu, graças a Deus, desfrutei muito do prazer de conviver com essas pessoas. Então queira ou não queira só de você ver alguém tocar, você cantar junto com ele, ali é uma aula. Então eu tive essa aula. Essa aula de vida, não tive essa aula de ir na escola, mas, eu acho um pouco egoísta se eu falar que

aprendi a tocar sozinho e eu não aprendi, eu tive todo esse mundo como meus professores, como minha escola.

**Domingos:** Como funciona a dinâmica da dupla? O que cada um faz, as vozes, as violas, como vocês pensam a dupla?

**Macedo:** Olha, a gente procura seguir esse estilo, a gente procura sempre seguir o estilo, mas no final você acaba desenvolvendo seu estilo próprio. Pelo nosso timbre de voz a gente se assemelha muito com até o próprio Zé Mulato e Cassiano, Tião Carreiro e Pardinho, esse pessoal de um timbre de voz mais grave e outro mais agudo. Viola e violão. Aí, tecnicamente falando, não é Mariano? Uns falam que a voz que aparece mais no caso é a minha, que se destaca, seria a primeira e a dele a segunda. Agora, isso aí é um papo que dá muito assunto...

**Mariano:** Vão fazer um longa metragem se for falar disso aqui! *[Risos]*

**Macedo:** É um longa metragem! Mas assim, é primeira voz e segunda o nosso estilo.

**Mariano:** A gente, se eu não tiver enganado não tem uma data muito exata de formação da dupla, salvo engano, certamente é dentro dos quinze anos, por aí. Não é?

**Macedo:** É!

**Mariano:** Está dentro de uns quinze anos. Isso considerando a primeira vez que a gente foi no programa do Luiz Rocha “Brasil Caipira”. Porque antes disso a gente já tinha a formação da dupla, cantava nos lugarezinhos aí, tudo. Mas formalmente a gente considera isso, um registro que a gente tem inclusive nas redes sociais aí. Porque tem como a gente comprovar isso. Acho que hoje a gente divide, mais ou menos, esse campo artístico aí eu confio muito no Macedo, sabe? No campo artístico, a gente tem um trabalho autoral, um CD, primeiro CD de carreira, teve muita sugestão dele. Teve um produtor também que acompanhou a gente, é o Vanderley. Da dupla Vanderley e Valtecy, nossos colegas também, aqui de Brasília. E outros, o Valtecy também porque o Valtecy é um personagem que inclusive estava no dia que a dupla se conheceu. Ele estava...

**Macedo:** Estava presente...

**Mariano:** Estava presente naquele ambiente ali. Então acho que a partir disso, essa dupla, pra gente, são grandes amigos hoje em dia. Que ajudou, o Vanderley ajuda a gente na parte musical, Valtecy na parte moral. Porque é como o Macedo falou, eu acho que o mundo é uma escola e tem vários professores. Professor não é só aquele da academia, professor é aquele que te dá: “olha, tu pega aquele negocinho e faz assim e tal.” Um conselheirinho. Acho que esses são grandes professores. E o Valtecy é um deles também. Então esse campo artístico eu confio muito nele. E a partir de um tempo pra cá, a gente tem aproveitado também dos mecanismos de incentivo à cultura que o Estado oferece. Eu fiz faculdade de cinema, depois da faculdade eu fiz alguns outros cursos de captação de recursos na cultura e

etcetera. E a gente entende que a partir, inclusive, da constituição de [19]88, uma das obrigações do Estado é fomentar a cultura. Então a gente se apropria disso através desses editais que tem aí. Já tivemos sucesso em alguns. Em muitos não. E assim a gente vai levando, aqui no DF, por exemplo, a gente já conseguiu realizar alguns bons projetos a partir dessas leis de incentivo e acho que isso é importante. Então essa parte a gente absorve, eu particularmente absorvo esse campo burocrático de produção de mesa. E ele está mais no campo artístico. Aí eu acho que a gente consegue desenvolver algumas boas coisas nesse sentido.

**Macedo:** Isso. E respondendo a pergunta, musicalmente falando, a melhor resposta seria: a gente procura cantar em dueto. Porque definir primeira e segunda voz é um assunto bem complicado.

**Domingos: Muito bom, cantar em dueto!**

**Domingos: Vamos botar uma moda na prosa?**

**Macedo:** *[Dedilhando a viola]* Vamos botar moda na conversa!

**Domingos: O que for autoral pra gente melhor ainda...**

**Macedo:** Melhor? Beleza!

**Domingos: Mas fiquem à vontade.**

**Mariano:** Vamos essa aí de novo?

**Macedo:** Vamos!

**Domingos: Pode ser...**

**Macedo:** Essa depois se quiser a gente fala o nome todinho, se quiser editar até pego um CD ali do carro depois e deixo com vocês. Mas o nome dela é “Vacina contra a falsidade”. Ritmo querumana. É composição nossa mesmo.

*[Tocam na viola e violão e cantam a música “Vacina contra a falsidade”, composição de autoria de Macedo e Mariano:]*

*Saudade palavra cruel que amarga igual fel no meu coração*

*Quando invade o meu pensamento relembro momentos de doce ilusão*

*Iludido por uma bandida que roubou um dia o meu coração*

*Coração que foi dilacerado sem ter piedade e sem compaixão*

*Hoje vivo sem ter alegria, em grande agonia numa solidão*

*Solitário, triste, amargurado, até embriagado e em depressão*

*Até dizem que estou estressado isso é papo furado não sofro disso não*

*Mas só sei que padeço um bocado, pois fui enganado por uma paixão*

*Aquela fingida arruinou minha vida com suas mentiras e com falsidades*

*Foi embora fugindo com outro mas se arrependeu, mas agora é tarde*

*Ontem mesmo ela me procurou, fez juras de amor por toda eternidade*

*Mas não quero seu amor fingido, pois fui vacinado contra a falsidade.*

**Domingos: Linda, linda, linda... E Brasília, pensando Distrito Federal, é uma terra de viola?**

**Macedo:** Sim.

**Mariano:** Ah, é!

**Macedo:** Com certeza!

**Mariano:** A gente defende isso sim. A gente pode considerar inclusive, particularmente não fiz esse levantamento, por meio de pesquisa, mas se você for em qualquer loja de instrumento, apesar de que hoje essa venda física caiu bastante, muitos vendem pela internet, on-line. Mas se você for em qualquer loja física aqui no centro de Taguatinga, centro de Ceilândia, há uns quinze anos atrás, por exemplo, era difícil você ver uma viola caipira, quando tinha era aquelas assim mais destabelada, meio que um berimbau lá pra gente. Mas hoje em dia tem viola muito refinada e o próprio comércio já é prova disso. Tem muita gente, aqui no DF, se a gente começar a falar aqui são muitos nomes.

**Macedo:** Eu sou exemplo disso, quando eu comprei minha primeira viola, eu não tenho exato certeza da data, se foi em 2000 ou 2002. Mas demorou três meses pra receber. E de uma marca bem popular hoje, que é a Rozini. Demorou, veio de São Paulo, demorou três meses e hoje, graças a Deus, aqui em Brasília, se eu não me engano nós temos quatro ou cinco luthiers e todos fazem...

**Mariano:** Que a gente conhece, deve ter mais ainda!

**Macedo:** Isso de luthiers. Agora, de violeiros, nós fazemos parte da associação do Clube do Violeiro Caipira de Brasília, se não me engano, lá são uns quarenta associados.

**Mariano:** Pra lá... É. Ativos.

**Macedo:** Ativos, fora igual eu falei no início da reportagem, fora o pessoal do anonimato.

**Mariano:** A gente, por exemplo, integra uma turma dessas do anonimato aí que toca sua violinha de dez em dez dias, quinze em quinze dias, turma dos violeiros aí...

**Macedo:** Isso!

**Mariano:** Então assim, tem muitos violeiros, tem demais...

**Macedo:** Tem. E vamos até ver se a gente muda: Brasília capital do rock pra capital da viola. *[Risos]* Porque aqui já é um celeiro musical bacana!

**Mariano:** É, tem um mais antigo aí que fala que Brasília é a “arca de Noé musical” – “cultural”. E é verdade mesmo porque desde sua formação Brasília é formada por gente de todo lugar do Brasil. Nordeste tem um peso muito forte aqui. A turma da Ceilândia ali, inclusive. Mas tem gente de todo lugar.

**Macedo:** Brasil inteiro, se procurar você acha aqui em Brasília.

**Domingos:** E como é viver num lugar onde a gente tem pessoas vindas de todos os lugares do Brasil e também do mundo? Como é viver em Brasília?

**Macedo:** Olha, eu particularmente gosto, gosto muito. Como eu nasci aqui, a gente se acostuma, mas a gente acostuma com o que é ruim também e eu não vejo por esse lado, eu gosto daqui, acostumo pela coisa boa. E a viola já teve pior, já teve uns momentos piores aqui. Quando alguém fala em música caipira já fazia cara feia. Sabe? Hoje não, hoje a gente já conseguiu, não é Mariano? Passar por várias portas, várias barreiras que foi graças à viola, nós entramos em alguns lugares, graças à viola.

**Mariano:** A gente tem uma locação física aqui que é o Clube do Choro. Agora esses dias pra trás a gente fez uma participação. Aqui tem uma orquestra inclusive, Orquestra Roda de Viola. Uma violeirada organizada inclusive hoje pelo Pedro Vaz. E são muitas apresentações que eles fazem... Numa delas agora, no Clube do Choro ali, foi casa cheia lotada, lotada até sair pelo ladrão. E em teatro a viola... A gente escuta, a gente não participou dessa geração de um preconceito muito acentuado à viola caipira, à música caipira. Mas a gente tem muitos depoimentos desses amigos nossos mais antigos, por exemplo, Zé Mulato e Cassiano, outros violeiros contemporâneos a eles, que realmente relatam que o preconceito era pior ainda. É muito, naquele tempo, eles dizem que entravam no ônibus e se eles sentassem aqui a pessoa saía e sentava do outro lado. Porque realmente tinha aquele estigma de ser vagabundo. Esse estereótipo que, talvez, infelizmente a gente ainda colhe frutos amargos disso. Mas hoje está bem melhor. Hoje muito teatro, Teatro Nacional, hoje infelizmente é fechado, mas Zé Coco do Riachão, assisti apresentação dele lá. Do próprio Zé Mulato e Cassiano, casa cheia, lotada. Então eu acho que é como o Macedo sempre fala, tem muito a melhorar, mas já alcançou um patamar muito bom. Já alcançou um patamar muito bom.

**Domingos:** E qual a importância, para vocês, desses caras que vieram antes, tipo Zé Mulato e Cassiano mesmo? Goiano? Essa turma que está aí já segurando a bandeira?



**Macedo:** Isso é a base. É a base, a gente não consegue fazer uma casa, um prédio se a gente não tiver o alicerce ali, não é? E eles, como Mariano falou, às vezes a gente não chegou a pegar esse preconceito, essa dificuldade que essas duplas antigas tiveram. E eles passaram por isso e venceram. Então serve pra gente como um espelho, como uma grande inspiração, porque apesar de tudo, dessas dificuldades, hoje podemos falar que somos amigos do Zé Mulato e Cassiano. Em primeiro lugar, somos grandes fãs e admiradores da obra e do trabalho deles. A gente cita eles como referência porque está aqui no nosso quintal, mas essa gama de violeiros que nós temos aí no nosso Brasil inteiro, com certeza foi o alicerce da nossa música. Não só a música caipira, mas o que deu origem a ela, ou, melhor dizendo, que ela deu origem, o que é a música sertaneja atual vem de lá de cima, lá de baixo, lá das nossas raízes.

**Domingos: E de alguma maneira vocês são ou se consideram caipira?**

**Macedo:** Eu me considero caipira. Eu sou um caipira. Apesar de morar na cidade. Eu sou um caipira até pelo linguajar, minha mulher de vez em quando até reclama, mas não tem jeito, eu prezo uma coisa mais forte. Bem mais forte do que eu, quando eu vejo já estou falando algumas coisas que... *[Risos]* É só na roça mesmo pra entender o linguajar!

**Mariano:** É, eu quando criança, o divertimento que eu tinha melhor, que eu gostava mesmo era quando tirava nota boa, passava no fim do ano, eu tinha a oportunidade de ir pra lá na roça da minha tia, em Niquelândia, da tia Maura. Então o esforço do ano era esse, era pra poder tirar nota boa que era pra poder, no primeiro dia que entrava de férias, no outro dia já entrava dentro do ônibus e descia em Niquelândia. E ali ficava um mês, um mês e meio. Aí ligava pra mamãe, ela chorando aqui: “ah, que dia você vem?” “- Ah, tá, vou...” Pra mim foi sempre um divertimento muito grande, nos fins de semana, ir pra lá, pro interior, pra roça. Então isso vai, como você falou, a gente não é... Cria esse questionamento mesmo: mas será? Se realmente vocês têm alguma propriedade pra poder falar de música caipira? Porque vocês não viveram isso aí de fato, não colocaram a mão na terra ali e tal. Mas tem coisa que a gente faz com o coração, que às vezes, de repente a gente não tem o conhecimento empírico da coisa, mas a gente consegue chegar ali e passar nossa mensagem. É o que sempre falo, acho que a gente tem que fazer uma coisa com profissionalismo e com muito amor primeiramente. Então eu acho que a gente tenta fazer isso com muito amor, certamente, profissionalismo é só com os degraus da vida que a gente vai conseguindo. Mas não tem, eu particularmente não tenho nenhum problema com isso, de não ter nascido no interior. É claro, se eu tivesse tido essa oportunidade, certamente. Agora também tem aquilo, eu na minha infância, como eu falei, já fui em vários giros de Folia no interior. E de certo tempo pra cá a gente vê que no próprio interior, quando acaba ali as Folia é o som, estoura aquele som do carro no modo mono, não tem aquele tempo do Catira que eu quando criança via, assistia, o tempo do Catira e tudo. Da festa da Folia mesmo. Hoje em dia em muitos casos, não em todos, mas em alguns muitos casos, quando acaba ali o cantório da Folia é o som da maior altura do carro de som. Então a gente percebe que o contrário também existe. O que é do interior, às vezes, não está dando a devida

importância como se deveria. Então a gente aqui, mesmo da cidade, mesmo não tendo toda essa propriedade empírica ali do campo, da roça... De repente poderia ser até melhor se a gente tivesse, mas não temos, então não adianta a gente se lamentar quanto a isso. A gente faz a coisa do jeito que a gente consegue.

**Domingos: Porque o fato de ser urbano também a pessoa não deixa de ser caipira?**

**Macedo:** Isso, não impede não.

**Mariano:** Eu acho que é condição de espírito! *[Risos]* A questão do caipira é muito isso, uma condição de espírito. Talvez alguns não concordem, alguns mais catedráticos, aqui vai nossa desculpa. A gente só tem a se desculpar! *[Risos]*

**Macedo:** Os mais radicais...

**Mariano:** A gente só tem a se desculpar. Mas acho que é uma condição de espírito, a mensagem que você quer passar. O modo simples de resolver suas coisas no dia a dia. Acho que é isso.

**Domingos: Quando a gente fala, às vezes, de cultura caipira, a gente naturalmente se remete a um passado ou ao campo. O que pra vocês é, ou o que vai ser o caipira do futuro?**

**Macedo:** O caipira do futuro já é hoje em dia. Eu costumo até fazer uma relação, o seguinte: a gente tem que evoluir, a música tem que evoluir, a viola evolui. Porque aquele personagem lá do “Cavalo Enxuto”, quando a gente canta aquela moda, que ele venceu lá aquela disputa, ele no cavalo e o cara lá no carro. Aquele caipira ainda tem, só que ao invés daquele cavalo, hoje ele anda numa caminhonete, numa Hilux, no carro dele tem bluetooth, pega MP3. Tem todas as tecnologias que ele tem, mas ainda ele continua escutando o “Cavalo Enxuto”. Então esse caipira do futuro, eu acho que nós já estamos vivendo hoje em dia. Já é o nosso dia atual. Tem caipira aí que, como nós falamos no início aqui, ele está ligado na internet, ele está por dentro de tudo, mas mesmo assim não deixa as raízes dele. Então eu acho que esse caipira do futuro já, nós estamos vivendo ele hoje.

**Domingos: E essa coisa de vocês cantarem em dueto. Dueto, falando da voz agora, qual que é a dificuldade, vocês levaram um tempo pra ajeitar as vozes, casar as vozes?**

**Macedo:** Sim, com certeza. E até hoje a gente ainda tem que dar uns ensaios, de vez em quando, porque, às vezes, a pessoa pensa que a gente já nasce sabendo tudo. Fala: “ah, ele tem o dom de tocar.” Não. Às vezes a gente pode ter uma facilidade, mas esse dom a gente vai desenvolvendo com o passar do tempo, com estudo, praticando cada vez mais, ensaiando. E assim a gente vai tentando aperfeiçoar, devagarzinho, dentro do nosso nível, não é Mariano? Das nossas possibilidades, das nossas limitações.

**Mariano:** Sim, tecnicamente falando, no campo musical a gente tem muitas boas referências. Não que a gente tenta seguir ou imitar, mas que são referências que a gente usa. E se tem uma música de outro que a gente toca e que a gente acha que vai bem. De repente a gente tenta encontrar ali aquele dueto de onde é que está a voz de um e a voz de outro pra numa composição autoral a gente aproveitar esse intervalo nas nossas composições, entendeu? Devagar a gente vai aprendendo esses macetes que ajudam. Só que aí já cai no outro debate, porque a gente não se autointitula compositores. A gente tem algumas coisas nossas, mas, poxa, pro cara chegar ao nível de falar: “eu sou compositor...” A gente não tem isso. Eu acho que é importante, de alguma maneira, imprimir ali no nosso trabalho o que a gente pensa a respeito, musicalmente falando, em termos de sonoridade, de letra. Mas está longe da gente concorrer a qualquer cargo aí de compositores.

**Domingos: Será que sai mais uma moda pra gente?**

**Mariano:** Sai.

**Macedo:** Sai. Falar em compositor, vamos fazer mais uma nossa, então?

**Mariano:** Vamos lá!

**Domingos: Qual que é?**

**Macedo:** Qual que você quer?

**Mariano:** Vai lá...

**Macedo:** Vamos fazer um pagode, é um pagode de viola, traz por título “Na manha da ariranha.”

*[Tocam na viola e violão e cantam a música “Na manha da ariranha”, composição de autoria de Macedo e Mariano:]*

*Eu gosto da vida boa, só trabalho pro meu gasto*

*Quando estou lá em casa cedo, sem muita pressa eu arrasto*

*Minha viola pagodeira, sem esforço brinco nos trastos*

*E aí a patroa estranha, um beijo meu ela ganha*

*E assim eu vou vivendo na manha da ariranha*

*Na manha da ariranha, na manha da ariranha*

*Chegando ao meio dia é aí que eu acho bom*

*Uma pratada de gueroba, arroz, galinha e feijão*

*Logo acabo é satisfeito na rede prum cochilão  
E aí a patroa estranha, um beijo meu ela ganha  
E assim eu vou vivendo na manha da ariranha  
Na manha da ariranha, na manha da ariranha*

*Quando é de tardezinha, o quintal pra capinar  
Tapioca, leite e café, pois eu prefiro é merendar  
E na viola nós emenda, um pagode pra esquentar  
E aí a patroa estranha, um beijo meu ela ganha  
E assim eu vou vivendo na manha da ariranha  
Na manha da ariranha, na manha da ariranha*

*E na boca da noite vou pro córrego banho tomar  
Volto pra casa na serra por entre meio pomar  
Fico sentado na sala, esperando pro jantar  
E aí a patroa estranha, um beijo meu ela ganha  
E assim eu vou vivendo na manha da ariranha  
Na manha da ariranha, na manha da ariranha*

**Domingos:** Na manha da ariranha... É uma expressão? *[Risos]*

**Macedo:** Na manha da ariranha.

**Domingos:** Pagode é um ritmo que os violeiros que começam a tocar logo querem ir pra pagode...

**Macedo:** É rapaz, é a febre, a febre do violeiro. E ele, queira ou não queira é um dos ritmos mais bonitos. Bem executado pela viola. Então é a arma do violeiro, é onde chama muita atenção. A garotada quando começa a tocar viola já se empolga naquele ritmo. É contagiante na verdade. Bem contagiante.

**Mariano:** É. Em se tratando de música caipira talvez é o ritmo, além de ser contagiante é o mais marcante. É talvez o que mais identifica, inclusive, a música caipira. E a viola caipira, claro, dentro da música caipira. Por aí.

**Domingos:** É. O Tião Carreiro deixou essa marca muito forte que influencia até hoje o pessoal...

**Macedo:** É. Ele eternizou. Além de ter criado ele eternizou esse ritmo do pagode. Os reis criadores do pagode: Tião Carreiro e Pardinho. Depois o povo veio turbinando aí esse ritmo [Risos] O nosso saudoso Goiano também fez muita coisa boa, muita estripulia na viola aí!

**Mariano:** Bambico... [Risos]

**Macedo:** Bambico. Gente boa que ajudou a evoluir o pagode.

**Domingos:** Pra vocês, como está esse universo das duplas, vamos pensar, do sertanejo raiz? O pessoal está se interessando em investir, em aprender a ser dupla dessa maneira como vocês são?

**Mariano:** Intuitivamente eu fiz, por exemplo, com alguns desses colegas que a gente tem um pouquinho mais de intimidade, assim como nós, perguntei pra eles: “o que você faria com 500 mil reais?” Aí uns falam: “pô, não, ia comprar uma casa, ia montar um negócio e tal...” E assim, raramente você escuta a resposta de investir na sua carreira. Raramente. É um problema nosso, inclusive. Eu me incluo nessa faixa porque a gente tem dificuldade de enxergar isso como uma profissão. Talvez por questões históricas, mas realmente... Fatalmente a gente comete essa falha. Então essa questão de como é que a turma enxerga o profissionalismo das duplas, dessa nossa levada cultural, é complicado. Não somente, inclusive por conta nossa. Hoje em dia a gente está aí, mas falando do externo nosso, a gente tem um mercado musical que realmente a gente não está inserido dentro desse mercado musical, comercialmente falando. Artisticamente sim, mas comercialmente não. A música caipira, talvez a música de viola caipira não está no mercado comercial, no circuito comercial. Artisticamente, é claro. As rádios, os grandes veículos... Fora esse horário de madrugada ali, que tem um programa ou outro, inclusive tem alguns deles que já são bastante antigos... Mas no horário comercial mesmo não tem. Então tem vários entraves. Tem nosso entrave interno. Mas externo também tem. E é por isso, eu volto a afirmar que em oportunidades a gente tem que se apropriar de investimentos que a administração pública venha a fazer no âmbito da cultura. Não que a nossa cultura tem mais propriedade do que outra. Não que nosso quintal da música caipira, ou da música de viola caipira, tem mais legitimidade do que outras. Não é isso. Eu acho que todos, como a gente entrou, lá atrás falou a respeito de Brasília, que é uma "arca de Noé cultural". Aqui tem desde hip hop, rock'n roll, música caipira, música de viola caipira, concertos de orquestra sinfônica... Bumba meu boi... Tem uma miscelânea cultural aqui e todas elas são importantes na construção da sociedade como um todo. E a gente também é importante. Então é isso, a gente tem que se apropriar desses momentos que o Estado oferece, agora está ficando um pouco menos, mais escasso, mas a gente tem que defender isso. A gente defende isso!

**Domingos:** Pra vocês qual é a relação do tradicional com o contemporâneo?

**Macedo:** É uma relação boa. Conversa a mesma língua. Nós temos, hoje em dia, muitas duplas ainda que são bem radicais, seguem aquela linhagem, aquele nicho da música bem antiga mesmo, desde os primórdios. Mas hoje em dia, como já foi falado na tecnologia, na evolução, no caipira do futuro, as duas conversam bem a mesma língua. Tem como se equalizar as duas ali, porque hoje em dia, na questão de fazer música, você não pode pensar em fazer música pra você. Obviamente a gente agrada em primeiro lugar a gente, é um gosto pessoal, mas você tem que pensar no seu próximo. Então, às vezes, se a gente ficar muito radical, a gente não vai agradar, talvez, aquele público. Há algo mais que a gente espera. Então a gente tem que tentar bater uma bola aí com os dois estilos, tanto o tradicional como o outro.

**Mariano:** É, essa questão de tradicional e contemporâneo, essa relação eu acho que sempre foi muito bem praticada, inclusive antigamente... A música caipira é tão rica, tem uma ou outra que também fala que a história do Brasil pode ser contada inclusive através da música caipira. Tem várias e várias composições que retratam o ambiente naquela situação, ou de algum fato em específico, histórico, que aconteceu. Inclusive tem esse mote de músicas temáticas que tratam a respeito de histórias. Histórias reais do que aconteceu naquela situação. E tem outro mote, também de música, que é a música caipira de denúncia, inclusive. “A viola e o violeiro”, por exemplo, é um pagode de viola que é uma música de batalha, de falar que a viola não cai. E isso foi lançado lá atrás. Então naquela situação já tinha essa correlação entre o artístico e, a partir do artístico, o que ele podia representar ali. Era muito assim, tinha “Preto velho”, por exemplo. São várias composições de denúncias sociais. Eu acho que isso, ao mesmo tempo, está tanto no tradicional, como também no contemporâneo. E a gente faz isso também hoje. Nosso repertório, por exemplo, que a gente faz aí, a gente sempre coloca isso também. Tem várias composições de amor, composições românticas. Na música caipira tem inúmeras e várias. A música caipira tem um jeito dela de falar, de tratar desse tema. Mas tem também vários outros temas. Tem os temas místicos, que são vários também. De histórias, mas tem o tema também de denúncia. E é lindo, é riquíssimo esse repertório dentro da música caipira. Eu considero isso contemporâneo, mesmo sendo lançado lá atrás. Mesmo que tenha sido lançado lá atrás, eu acho que é uma característica interessante.

**Macedo:** E só pegando um gancho no que ele falou, um exemplo disso é a moda “A vaca já foi pro brejo.” Gravada há mais de trinta anos atrás e é uma letra da atualidade hoje em dia. Acontece. Então os compositores daquela época já foram bem futuristas.

**Mariano:** É. Aí vamos fazer uma observação e um parêntese muito pertinente também, a gente tem uma música, inclusive minha esposa, vou mandar um alô pra ela [\[Risos\]](#) Dona Maria! Mas tem uma música que é aquela...

**Macedo:** “Ana Rosa”?

**Mariano:** Não. É... “Boiadeiro de palavra”. É uma composição que praquela situação era muito pertinente, normal, porque naquela situação, naquela época em que ela foi lançada, a sociedade machista. Então fala que vai cortar o cabelo a navalha e vai fazer a mulher dar uma volta na praça e tudo. Então são coisas que realmente, socialmente falando, não faz parte do nosso contexto contemporâneo, na sociedade. Um salve para as mulheres, um viva para elas, sem elas certamente nós homens estaríamos reduzidos ao nada, ao pó.

**Macedo:** É verdade!

**Mariano:** Só que era o contexto social daquela situação. E a gente foi perguntar para um desses nossos professores: “por que tem algumas composições muito machistas e tal?” Eles foram muito catedráticos, eles já têm na casa de seus sessenta e cinco, setenta anos, viveu aquele tempo: “olha meninos, naquela situação a mulher gostava de homem machista.” Naquela situação.

**Macedo:** Homem bruto mesmo.

**Mariano:** Homem bruto, que chegava em casa: “está pronta a comida?” Era isso. Graças a Deus evoluiu tudo, mas a gente tem que... Aí quando escuta esse tipo de composição e tudo, eu não acho ruim, pelo contexto eu não acho ruim. É claro que a temática, o enredo da música, hoje em dia a gente pode considerar desprezível, mas faz parte do legado da música, então não tem como você renegar isso. Porque tudo, a gente não é só acerto. Nada no mundo é só acerto. A gente vive, tem uma trajetória. E lá atrás teve vários acertos e alguns erros também. E na música caipira não é diferente disso. Hoje em dia a gente reconhece isso. Mas faz parte do legado.

**Macedo:** É, mas nós sabemos também, dar uma brecha aos compositores, muitas músicas, muitas letras são baseadas sim em fatos reais, mas não quer dizer que a moda inteira é real. A gente sabe que o compositor também desfruta de muitos temas imaginários.

**Mariano:** Tem a sua licença poética.

**Macedo:** E com certeza ali ele está correlacionando os dois juntos. Então não é bem ao pé da letra a letra. A letra não é bem ao pé da letra!

**Domingos:** **Você acha que os violeiros estão se atualizando hoje? Os que estão compondo estão se atualizando, as duplas e os compositores?**

**Mariano:** Tem, tem muito compositor novo, como a gente já entrou aqui, não conseguiram assim uma visibilidade talvez no campo comercial.

**Macedo:** Da mídia.

**Mariano:** Da mídia. Mas nesse campo de duplas tem muito compositor que aborda excelentes temas em suas composições. Hoje em dia tem uma safra boa de novos compositores. Porque a gente também tem isso, tem esse estigma, alguma coisa quando é

feita muito boa, você não consegue, poxa, parece que já chegou no topo e daí pra cá ninguém mais vai fazer coisa muito boa... Pode ser que a gente tenha entrado nisso, que a gente foi um mercado muito grande ali, de visibilidade muito boa nos anos [19]70, 80... E daí com um novo mercado que a música sertaneja levou, caminhou. Esse estilo aí de música caipira acabou ficando ali nos bastidores. Não que tenha ido pra trás, continuou produção só que nos bastidores ali. Realmente a mídia não acompanhou... E aí nesse meio tempo chega isso onde eu estava falando, que teve um apogeu ali, parece que teve um momento de lacuna, mas não. Continuou, mesmo que não na mídia comercial, mas hoje em dia a gente tem bons compositores atuantes. Explode de composições. Não são muitos, mas temos bons compositores.

**Domingos:** Então você estava falando também que tem essa mística tudo na viola, tem as coisas dos pactos, você conhece algum aí?

**Macedo:** Já ouvi falar demais! A gente ouve demais [Risos] Já vi muita gente falando, os violeiros antigos. Eu gostava muito, até hoje ainda procuro algumas entrevistas do nosso saudoso Renato Andrade. E ele gostava de contar umas anedotas, algumas coisas dessas, sobre passar a cobra nos dedos, enfiar a mão debaixo da porta da igreja em dia de sexta-feira da Paixão. E não sei o quê que tem... A gente escuta muito essas histórias. Mas é como eu falei, são temas imaginários. Meu pacto é com Deus, graças a Deus! [Risos]

**Domingos:** Mas a imaginação é importante pro músico?

**Macedo:** É bom, seguem muitas histórias. Inclusive nós temos algumas letras, algumas músicas que falam sobre isso e é bacana. Estar no meio é bom. Independente do Renato Andrade, como eu falei, não tive a satisfação de conhecer meu avô que foi violeiro. Mais por histórias da minha avó, da minha mãe, do meu tio-avô. Contam muito, já me contou muitas histórias sobre isso, que fulano tocava demais. Ele tinha parte com não sei o quê porque ele tocava. Mas se for comparar uma pessoa que toca pra outra pessoa que não sabe nada, o cara é bom demais também, não é? [Risos] Mas enfim, fica na história e eu acho que vale a pena a gente lembrar isso aí, escutar essas histórias, você ter também uma história para contar futuramente.

**Mariano:** É. Ter imaginação é importante, inclusive a gente tem uma composição nossa que até o próprio Luiz Rocha já perguntou pra gente: “alguém contou essa história pra vocês? Pra vocês retratarem isso em forma de letra e de música, tal.” Mas não, realmente é interessante... Na faculdade teve um professor que sempre falava: “olha, quando você tiver muito assoberbado, tudo, pega um ônibus e sai. Pega um ônibus e fica andando nesse ônibus o tempo todo e vai só observando o que as pessoas vão falando.” Então realmente acho que esse exercício de observação e, de repente, de reclusão dentro de si também pra se auto refletir é importante pra que surjam essas ideias novas. Então acho que isso caminha junto.

**Domingos:** Essa moda que você falou de vocês, sai ou não?



**Mariano:** Ah sai! *[Risos]* Demora... *[Risos]* Sai... É uma moda de viola, não muito diferente das outras que demoram cinco dias e cinco noites, uma novena pra poder acabar, mas sai... *[Risos]*

**Macedo:** Sai sim!

**Domingos:** Por gentileza, então...

**Macedo:** Moda de viola, traz por título...

**Mariano:** Praça Santa Inês.

*[Tocam na viola e violão e cantam a moda de viola “Praça Santa Inês”, composição de autoria de Macedo e Mariano:]*

*Certa vez um cantador / Disse com autoridade*

*Moda de viola é o esteio / Do violeiro de verdade*

*Foi cantando nesse estilo / Que com trinta anos de idade*

*Conquistei minha morena / Numa festa da cidade*

*Eu estava cantando / Da plateia ela acenando*

*Olhos fitos me olhando / Era só felicidade*

*Quermesse de São João / Festa boa e animada*

*Terminou a cantoria / Já era de madrugada*

*Veio vindo aquela moça / Andando pela calçada*

*Olhos claros verde cana / E cinturinha delgada*

*Com vestido de cetim / Chegou bem perto de mim*

*E foi me falando assim / Vivo muito apaixonada*

*Com desejo lhe beijei / Saímos de braços dados*

*Pelas ruas da cidade / Céu brilhando estrelado*

*Cada esquina que passava / Me abraçava apertado*

*Em frente de sua casa / Chegamos enamorados*

*E depois em pouco tempo / Na igreja um casamento*

*Pra todo mundo eu comento / Vivo muito apaixonado*

*Canto alegre essa moda / E digo a todos vocês*

*Completo a minha vida / Foi o que essa morena fez*

*Acordando em seus braços / Com carinho toda vez*

*Depois dela ao meu lado / Da alegria sou freguês*

*Cantando eu penso nela / Naquela noite tão bela*

*Que saímos eu e ela / Lá da praça Santa Inês*

**Macedo:** Praça Santa Inês!

**Domingos:** Beleza! O que é para vocês memória?

**Macedo:** Memória... Memória é uma coisa muito boa, memórias fazem a gente, em lembranças, correlaciona com lembranças. Então é muito bom a gente ter uma boa lembrança. Quem tem uma boa lembrança com certeza tem uma boa memória, não é? Memória, a palavra em si pode estar correlacionada aí com várias coisas, vários temas. Uma memória boa que você escreveu uma moda boa, você lembrar de uma letra, de um causo, de uma história como já nós falamos agora, há poucos minutos atrás sobre esses causos antigos de pacto e de violeiro. Então a gente tem uma boa memória. E tem modas que realmente fazem a gente mexer no nosso interior, na nossa memória. Faz a gente até imaginar algo que nós não vivemos, como Mariano já falou. Essa vida do interior, essa vida do caipira, do lavrador da roça, que nós não tivemos. Mas quando a gente escuta uma moda, semelhante a essa que foi cantada agora e muitas outras, a gente tem na mente aquela memória como se a gente tivesse vivido aquilo, aquele tempo. Isso pra gente que não viveu, imagina pra quem viveu isso. Como a memória dessa pessoa não vai bem mais além desse nosso imaginário...

**Mariano:** Eu acho que é excelente... São marcas. Por exemplo, o fato do que ficou marcado lá na minha infância, aquela questão de escutar os vinis com papai. Lembrança de ver ele trazendo aquelas fitas K7. Inclusive eu tenho uma delas de moda de viola até hoje. Acho que é interessante a gente guardar isso, fazer um relicário pra quando passar ali sempre lembrar de alguma coisa. Inclusive, isso é um dos objetivos que a gente tem também enquanto artista, enquanto dupla, de fazer com que as nossas composições, os nossos trabalhos sirvam de alguma maneira pro público: “poxa, quando eu estava escutando aquela música aconteceu tal coisa.” Isso a gente já teve alguns relatos e considera muito positivo, da

memória afetiva da pessoa se cruzar com nosso trabalho artístico. Acho que é interessante. E junto com isso também, que não está tão relacionado, mas inclusive no campo da saúde também. Tem um festival aqui no DF que acontece todo ano que é o Encontro de Violeiros. Já tem dezenove edições que acontece, no ano que vem acho que vai para vigésima edição. Encontro de Violeiros Caipira, a gente desde sempre esteve ali, seja como espectador, ou ajudando, vamos mandar um alô também pra turma do Clube do Violeiro aqui de Brasília. Já falou, mas quero relembrar aqui que a gente foi muito ajudado por essa associação, assim como várias outras, a turma da viola daqui. E um dos encontros que a gente tocou tem uma senhora que falou: "olha, eu vim, eu não estava boa de saúde, mas vim aqui só pra escutar vocês tocarem." Então assim, isso aí é um dos melhores pagamentos que a gente tem, sabe? É um dos melhores pagamentos que a gente tem. Ao mesmo tempo a gente vê que esse nosso mote de música, artisticamente falando, não é somente no campo musical, ele transpassa o campo musical. Ele caminha junto com o campo da saúde. E tem outro, mais inteligente um pouquinho do que a gente, que ainda fala que a cultura, educação e saúde caminham junto. Acho que é bem por aí. Aqui hoje, nesse ano agora de 2019, esteve em curso o núcleo de ensinamento da viola caipira, onde foi uma oportunidade para alunos da rede pública estarem começando a aprender música, ter o primeiro contato com a viola caipira e foi muito positivo. Eu não sei como está o projeto agora, se está em continuidade ou não, mas a gente vê muitos depoimentos dos menininhos que nunca tinham escutado nada de música, de viola caipira, não sabiam nem que existia, quando falava viola era o violão, o instrumento que eles conheciam era o violão. Foi uma oportunidade boa, acho que foram oitenta alunos, divididos em quatro turmas. E a gente tem vários depoimentos de falarem: "olha, eu não ia bem na escola, depois que comecei a integrar a turma..." Isso reforça ainda mais essa verdade que cultura, educação e saúde andam junto. É importante a gente fazer valer essa temática também.

**Macedo:** É verdade!

**Domingos:** Sensacional!... Vocês são assoviadores, vocês assoviam? [Risos]

**Macedo:** Rapaz, você sabe que eu não dou conta? Eu só se colocar os dedos na boca, o meu pai me ensinou, mas eu nem dou conta!

**Domingos:** Quantas violas você já teve, Macedo?

**Macedo:** Rapaz, já tive umas dez, doze. Com certeza, você vai vendo uma, depois você vende, compra outra. Uma hora você aperta, você comprou bem caro, aí vende bem baratinho... Ô... Mas tem aquelas de valor sentimental que eu conservo, inclusive a primeira está lá em casa, essa que eu falei no início da entrevista, demorou três meses pra chegar, está lá em casa até hoje, está igual o Mariano falou, está igual um berimbau, braço empenando, mas está lá firme. E a segunda que eu comprei também é o xodozinho, ela está lá. E aleatório eu já tive umas doze violas, por aí.

**Mariano:** Eu também, aos sete anos de idade, ganhei um violão. Aí entrei na aula ali, mas não tive muita paciência, por incentivo de papai e mamãe também. Não tive muita paciência pra dar continuidade, mas aprendi alguma coisinha. Aprendi, a partir daí comecei a tocar na igreja... Toco na igreja, inclusive, até hoje. E esse violão, eu tenho ele também até hoje. Então tem trinta e dois anos que tenho esse violão. Eu já dei uma reforma nele, mas acho que está precisando de outra reforminha também. Tenho ele porque é como Macedo falou, tem um valor sentimental, não tem valor comercial. Isso também ajudou nesse campo musical pra gente iniciar. Vou falar também... Quando eu comecei a tocar na igreja, quando escutava bastante as músicas caipiras. Aí aqueles colegas maiores, que já tocavam há mais tempo, que sabiam bem mais do que eu, com violão e tudo, aí eu colocava eles pra escutar viola. Eu também não sabia o que era, muito novo, não sabia, nem eles... Porque desde pequeno já aprendi a tirar algumas coisinhas de ouvido, alguns acordes, pegar as músicas e tirar a cifra ali, a gente precisava pra tocar na igreja e tudo. Mas na música caipira não conseguia. Eu chegava pros colegas: “mas tenta tirar esse som aqui no violão porque eu quero...” “- Não sei isso não! Está estranho esse violão!” Tentava ali, mas não dava! Depois a gente ficou sabendo, difundiu. Fui do tempo daquelas revistinhas, aquelas revistinhas eram demais! *[Risos]* Aquelas revistinhas pra tocar. E aí depois, em 98, aí sim eu entrei na aula de viola caipira com o Reis Moura, no Guará. Fiz acho que talvez um ano com ele ali, aprendi um pouco mais. Um pouco mais não, aprendi. Até então não sabia, eu tinha recém comprado a viola. Foi até uma coisa boa, porque naquela situação, quando saí pra comprar, na verdade eu saí pra comprar um instrumento. Acho que eu tinha uma namoradinha naquele tempo ali, ela: “se você ver um teclado, de repente você vai gostar e tal...” Aí, pô, teclado... Aí vi a viola pendurada lá, não sabia tocar nada. Eu falei: “pô, mas comprar uma viola caipira de dez cordas...” E tinha outro colega da igreja só que ele não tocava viola caipira de dez cordas, ele tocava o violão de doze cordas. Aí quando eu apareci lá com essa viola, ele: “por que você não comprou o violão?” A craviola, que ele chamava. Por que você não comprou a craviola que é melhor. Eu pô, mas é isso aqui que eu quero. Aí, em 98, entrei na aula com o Reis Moura, aí aprendi uma coisinha, foi legal, aprendi bastante com ele. Inclusive é um dos grandes responsáveis pela figura que aqui estou. E depois do Reis Moura aí eu tive um grande amigo também que é o Zé Gonçalves. Esse sim me ensinou várias e várias músicas caipiras. Era um tocador de Folia e ele sabia várias e várias músicas. Então teve muitas noites e noites que a gente vazou noite aí tocando e cantando nas farrinhas entre amigos ali. Na casa do seu Tião, com seu Chico junto também, que eram grandes e gostavam dessa nossa turma. A gente andava, fomos pra Folia, voltava. Ele tinha uma moto, a gente saía nessa moto andando pra cima e pra baixo. Ele solteiro, eu também solteiro. Então foi um momento muito bom pra mim também, nessa trajetória. Aprendi muita música. E aí na sequência depois, foi nessa situação que o Valtecy estava, que a gente conheceu o Macedo!

**Domingos:** Se vocês fossem dar um conselho, dicas para quem está começando agora o que vocês diriam?

**Macedo:** Estuda. Estuda bastante, estuda música que vale a pena. Apesar dos pesares, ainda temos um pouquinho de preconceito, mas ainda tem. Infelizmente ainda tem algumas portas que estão fechadas aí pela grande mídia, igual o Mariano falou. Se quiser escutar uma boa moda de viola, a música caipira, você tem que ligar o rádio às quatro horas da manhã. Se quiser ver um programa de TV, olha lá, é um domingo cedo ou no sábado à noite que já é uma reprise. Mas nesses horários de pico, de ponta, de massa, a gente não tem. Mas vale a pena. A gente está aí na dificuldade, fica numa vontade pra viver de música, às vezes tem até um medo nosso, um medo interior de largar, largar essa profissão, arriscar o seu trabalho porque é uma incógnita, é uma incerteza. Mas vale a pena fazer o que gosta. A gente faz isso porque ama, porque gosta. Se você realmente ama a música, você gosta da música, vale a pena.

**Domingos: Pra ser um bom violeiro quais são as virtudes?**

**Macedo:** Paciência! Apesar de que eu não sou bom violeiro, eu não sou ninguém para dar esse conselho, mas eu acho, como já diz a própria Bíblia, que a paciência é uma grande virtude do homem. Então pra ser qualquer coisa boa na vida, além de violeiro, qualquer outra coisa eu acho que em primeiro lugar é paciência.

**Mariano:** É, posso também complementar, eu acho que é dedicação. Primeira coisa é querer também. A pessoa tem que querer, assim como Macedo falou, ela tem que querer isso. E além de querer tem que ter dedicação também. Porque nada cai do céu. Não existe: “ah, aquela pessoa nasceu.” Realmente têm alguns fenômenos, isso é um fato. Tem alguns fenômenos em todos os campos da sociedade. Tem gente que nasce com certas aptidões que é fora da curva. Mas, na grande maioria, além de querer tem que ter dedicação. E aí, com a dedicação, mesmo que você não seja um desses fenômenos, de repente você vai conseguir desenvolver um bom trabalho. De repente não, certamente. Certamente você vai conseguir desenvolver um bom trabalho.

**Domingos: E o que é a vida?**

**Macedo:** A vida é uma coisa muito boa, é um dom divino. Eu todo dia agradeço pela vida que Deus me deu, nos deu. Pra mim é algo maravilhoso.

**Mariano:** Eu acho que a vida, por exemplo, talvez um dos bons exemplos do que é a vida é a gente reconhecer, escutar um depoimento de uma pessoa que enxerga na gente artistas e fala assim: “poxa, eu vim aqui, eu estava no hospital, vim aqui e eu me senti bem melhor quando eu vim aqui nessa sua apresentação.” Isso aí, essa cena, eu acho que é vida. Realmente é vida.

**Domingos: Eu queria que vocês fizessem uma demonstração rápida, como que vocês fazem, um pouquinho só, cururu, guarânia. Pode ser assim só dois, três acordes... Aí vocês combinam entre vocês.**

**Macedo:** Cururu, vamos lá então [*Dedilha a viola*]

**Macedo:** Cururu. Querumana que já fizemos, vou repetir só o solinho novamente [*Toca na viola*]

**Mariano:** Tem o corta-jaca, que inclusive é o ritmo da canção que leva o nome do nosso disco...

**Macedo:** “Conversando com a viola.”

**Mariano:** “Conversando com a viola” [*Toca na viola*] Ele é um cururu com uma *rapada* mais diferente.

**Macedo:** Tem a guarânia também [*Dedilha na viola*] Rézão... [*Dedilha a viola*] que também é pequena introdução de uma música que está no nosso CD, coisa nossa, traz por título: “Razões”. [*Toca na viola*]

**Mariano:** E por aí vai...

**Macedo:** Por aí vai, o pagode já foi executado [*Dedilha na viola*]

**Mariano:** Lembrando que esse pagode nosso, tem o pagode de viola, que é executado na viola em conjunto com o cipó preto, no violão... Essa composição, ela é chamada de pagode de viola, o ritmo marcante é o da viola caipira, mas na composição de modo geral, nas gravações a composição é essa. É um cipó preto como pagode de viola.

**Domingos:** Pode só essa levada boa do pagode...

[*Tocam na viola e violão*]

**Domingos:** Se vocês fossem uma música, qual seria?

**Mariano:** Eita! [*Risos*] Tem tantas aí...

**Macedo:** Ê rapaz, eu tinha que me dividir, viu? Mas, particularmente, eu gosto, sou apaixonado, é até suspeito eu falar uma e deixar outra. Mas no momento em que estamos me vem a lembrança uma que chama “Cantinho do planeta”, foi gravada pelo Rei Gaspar e Baltazar. É um ritmo de querumana, inclusive.

**Domingos:** E você, Mariano?

**Mariano:** É assim, eu gosto muito de uma música que a gente toca, do nosso repertório inclusive. É corta-jaca, que se encaixa muito bem no nosso timbre, na timbragem da dupla, no dueto da dupla, que chama “Fim do mapa.”

**Domingos:** Eu vou falar uma coisa e gostaria que vocês complementassem cada um a seu tempo. Ser artista no Brasil é...

**Macedo:** Difícil.

**Mariano:** Desafiador. *[Risos]*

**Domingos:** De repente podia fazer uma moda pra fechar a tampa?

**Macedo:** Sim. Bom demais!

**Mariano:** Essa música, aí essa realmente foi um fato, ela é inspirada no fato, a gente tem uns amigos aqui que têm uma chácara aqui em Corumbá Três e Luziânia, pertinho aqui, cidade vizinha aí. E a gente foi lá, aquelas farras que eles faz lá, fartura de comida e tudo, Deus me livre. Então tem esse mote central aí. É aquela, é meia verdade. Igual à outra moda de viola também tem uma meia verdade. A gente fala da vida de um casal que conheceu, mas assim, qualquer semelhança com a realidade é pura e mera coincidência. Mas ela então é meia verdade. Essa também é uma meia verdade! *[Risos]*

*[Tocam na viola e violão e cantam a música “Minha vida cabocla”, composição de autoria de Macedo e Mariano:]*

*Lá na casa onde eu moro / Tenho tudo que mereço*

*Com família bem unida / Minha paz é garantida*

*Um pedacinho de chão / Onde tiro meu sustento*

*Em novembro roça eu planto / Com matraca caminhando*

*Pra fazer feijão de caldo / Tem gordura de capado*

*Alambicada da boa / Vem do engenho do seu Noa*

*Pelota de capivara / Traíra de um palmo e meio*

*Arroz branco com pequi / Também tenho por aqui*

*O sereno e a garoa / Um casal de nacional*

*Bem treinados no mateiro / Fazem farra o ano inteiro*

*Tenho cá dois bois carreiros / Viajante e Sete ouros*

*Iguais esses nunca vi / Estão sempre a me servir*

*Vem chegando o janeiro / Tem a Folia de Reis*

*Gira em toda a região / Com viola e violão*

*Sou devoto e tenho fé / Nos três Reis do Oriente*

*No menino Deus da glória / Que completa nossa história*

*No menino Deus da glória / Que completa nossa história*

**Domingos: Que moda linda!**

\*\*\*\*